

## **LIVRO DAS DONAS E DONZELLAS: CONFISSÕES, DESABAFOS, SINGELAS IMPRESSÕES**

Maria Angélica Alves  
UERJ

De longe...mandar-te-ei as minhas impressões, na singela  
linguagem que escrevo sempre, tão despida de encantos e de arte.  
Maria Clara da Cunha Santos

...escrevo de longe, para satisfazer ao desejo de uma amiga  
caríssima, em um cantinho tepido de jardim, bafejada pelas caricias  
de meus filhos amados, na melhor paz do mundo.

Julia Lopes de Almeida

Em artigo escrito em março de 1897 e publicado no Almanaque Brasileiro Garnier, em 1907, “As Três Julias”, Lucio Mendonça comenta o estilo de três escritoras de destaque no cenário literário nacional: Julia Lopes de Almeida, Julia Cortines e Francisca Julia. Além da igualdade dos nomes ou prenomes, teriam em comum, segundo o crítico, “a índole máscula do seu talento”, fato que não viria a impedir a manifestação das “graças do sexo”, que representariam, em suma, a “delicadeza do sentimento, a finura da analyse, a commoção mais vibrante e todo o encanto do recato”. O fato de exercerem o papel de escritoras, portanto, não anularia o seu papel de mulher e, ainda, os outros papéis sociais que, porventura, viessem a exercer. Mendonça cita, inclusive, os casos de Adelina Lopes Vieira e Zalina Rolim que souberam ocupar, simultaneamente, as funções de professoras e de poetisas.

Ao analisar a obra literária produzida pelas três Julias, o crítico, inevitavelmente recorre à comparação com escritores demonstrando que, especificamente na obra de Julia Lopes de Almeida - a quem considera, das três, a “mestra” na arte do conto -, percebe-se o mesmo vigor, a mesma sobriedade e “exactidão do traço” evidenciados no conteur mais vigoroso da França, Guy de Maupassant. Destaca, ainda, seu alto poder de observação e de análise que se realizariam nas

“descrições vivas da paisagem e das cenas da natureza e da família paulista”, como em *A Família Medeiros*, livro, a seu ver, de precioso valor documental.

Para o crítico, as três autoras permitiriam, portanto, entrever em sua obra, a ternura da alma feminina sem que houvesse qualquer indício de “pieguices ou derretimentos”. As autoras fazem crer, com sua atuação e produção, que é possível exercer o que denomina de “varonilidade do espírito”, sem se anular a humanidade feminina. É possível ser uma boa escritora e uma perfeita mãe de família, transferindo, inclusive, para os livros de ficção essa experiência.

A concepção limitada da crítica ao trabalho das escritoras é ressaltada nos artigos de Julia Lopes de Almeida e de outras escritoras do período do entre-séculos. Aos críticos que afirmam que, com o nascimento de uma escritora, a humanidade estaria perdendo uma mulher, as autoras tentam, permanentemente, provar que seu talento para a escrita não inviabiliza as tarefas próprias de uma boa mãe de família.

Às vésperas do novo século, ao referir-se aos avanços dos movimentos feministas concernentes à crescente atuação da mulher brasileira na sociedade, a ativa escritora Julia Lopes de Almeida preocupa-se em ressaltar, em seu discurso, na Revista *A Mensageira*, o caráter prático e utilitário das finalidades da ação da mulher brasileira <sup>1</sup>. Defende, portanto, a profissionalização da mulher e o aperfeiçoamento de suas qualidades morais, visando o bom cumprimento da sua função primordial, qual seja, o exercício da maternidade. Seguindo os padrões de conduta estabelecidos na sociedade brasileira, deduz-se que para ser cidadã, a mulher precisa ser mãe e, para exercer plenamente esse papel, deverá receber boa educação e instrução adequada <sup>2</sup>.

O domínio da arte de ser mãe, implicava o exercício de múltiplas funções, naturalmente assumidas como obrigações pelas mulheres. Assim, argumentava, em seu artigo inaugural, na citada revista particularmente dirigida à mulher, a conceituada escritora paulista:

Uma mãe instruída, disciplinada, bem conhecedora dos seus deveres, marcará, funda, indestructivelmente, no espirito do seu filho, o sentimento da ordem, do estudo e do trabalho, de que tanto carecemos. Parece-me que são esses os elementos do progresso e de paz para as nações <sup>3</sup>.

Para exercer integralmente seu papel na sociedade, nos últimos anos do século XIX e início do XX, ou seja, para exercer com perfeição o seu papel de “mãe de família”, a mulher deveria habilitar-se para a vida, praticando, com sabedoria e intuição, desde as mais simples às mais complexas ações, não podendo, para tanto, ser “ignorante ou futil”, observa Julia Lopes.

Reconhecendo ser este um assunto “perigosamente escorregadio”, a escritora reafirma a crença de que à mulher compete, ao contrário do que se pensava até então, não somente a formação do sentimento, do coração, mas a educação integral dos filhos, sendo necessário, desse modo, a convivência espiritual com o homem, para, compreendendo-o, melhor educá-lo. Em seu artigo, a escritora arrisca-se a tecer um comentário irônico a respeito da atuação dos “pais e mestres de família” sobre a educação dos filhos, defendendo com seriedade, veemência e reticências a indiscutível função de formadora moral espiritual e intelectual exercida já pela mãe de família na prática:

Dirão que á mãe só compete formar o coração e que o resto fica por conta dos paes e dos mestres...

O pae, no afan dos seus dias trabalhosos, pensa acaso em corrigir os defeitos dos filhos, com quem pouco convive? Conhece-os todos por ventura!? Os mestres?...Ah! os mestres... <sup>4</sup>

Julia Lopes, a “illustre escriptora nacional” tal como a classifica a diretora da Revista Literária *A Mensageira*, Presciliana Duarte de Almeida, conclui sua argumentação fazendo uma alusão à participação feminina na vida pública, reconhecendo, entretanto, ainda ser reduzido o número de “senhoras” empregadas no comércio, nas indústrias e nas artes. Em seguida, acreditando que a missão da Revista, e a sua, em particular, deva ser a do aconselhamento e do

apoio moral a suas leitoras, exorta as mulheres a refletirem sobre os tópicos essenciais de sua formação intelectual e de seu progresso: a necessidade de estudo, de reflexão, de trabalho e de se lutar por um ideal.

Com o *Livro das Donas e Donzellas*, Julia renova esse exercício de escrita como aconselhamento e pratica através das crônicas a sua tese de aprimoramento intelectual da mulher. Até onde, para a própria Julia, suas palavras atingem o coração das leitoras? Essa angústia percorrerá não somente essa, mas toda a sua obra.

O ano: 1906. Nos jardins das casas, brotam as árvores e as mais singelas flores. É preciso aprender a lidar com elas, dedicar-se às lições de jardinagem. Torna-se preciso, naturalmente, escrever sobre o assunto, transmitir às filhas o essencial ensinamento. Difícil mesmo é dominar a resistência de um *chemin de la table*. Conviver com a água, escassa, preocupa. Segredo de família que as *donas* precisam exercitar: a melhor forma de manter a felicidade no lar consiste, sem sombra de dúvida, em evitar as discussões políticas com o marido. Julia escreve e compõe com esses e outros assuntos similares o seu Livro. O Livro das Donas e Donzellas reúne, desse modo, vinte e cinco crônicas. Nelas, há espaço para se pensar sobre a linguagem e as suas orientações da escrita, antecipando o que mais tarde viria a declarar em *Jornadas no Meu País*, seu livro de impressões de uma viagem ao sul do Brasil. A escrita do segredo, a escrita rascunho, feita a lápis, mero apontamento, sem pretensão literária, em suma, a escrita perecível, revela-se, por isso mesmo, como aquela que “quasi sempre” encerra “o que ha de mais profundo e mais interessante na Vida...” (ALMEIDA, 1920, p.257)

No *Livro das Donas e Donzellas*, portanto, uma autora confessa ainda não saber como dizer o que se passa em seu interior. Pensa e sente e as palavras não conseguem expressar sentimentos, tudo o que se passa ao seu redor, dentro de si, é insuficiente. Sugerindo para tanto uma diferenciação de modos de expressão, de uso das palavras entre mulheres:

“Nós, as mulheres, não temos sempre facilidade de bem exprimir os sentimentos por palavras; eles parecem-nos por demais subtis e complexos; ellas insufficientes e fraquissimas. (ALMEIDA, 1906, p.8)

Superar essa limitação própria do universo feminino, segundo Julia, transforma-se em exercício dos mais fecundos e confissão das mais preciosas e francas. A escritora, ao enfrentar essa situação-limite, retoma, em seu exercício de escrita, a tese da escrita primeira e nunca definitiva, em estado bruto, tecida por imprecisões. No Livro, a decisão de se comentar nas crônicas os fatos pessoais e sociais revela o desejo de fixar com exatidão os fatos, aproximando-se da escrita *varonil*, de fugir, enfim, da escrita fluida, “incolor e inodora” em busca, sim, da precisão do traço:

Dizem que há para todas as coisas expressões precisas, de inquestionavel exactidão; a lingua modula no som, e inalterada, a essencia da mais rara alegria ou do mais terrivel desespero. Mas essa é a interpretação dos fortes; a nossa dilue-se, numa gotta incolor e inodora, que é como um chuvisqueiro em uma rosa, se nasce da alegria; ou, se vem da dôr, como um floco de neve em uma brasa, que apaga a luz e deixa a nú o carvão." (ALMEIDA, 1920, p.8)

Em outra passagem do Livro, a cronista reafirma o poder da simplicidade e da sinceridade na busca dessa expressão da complexidade dos sentimentos:

São palavras simples, sem litteratura, sempre as mais sinceras, que nascem da alma e definem com clareza uma ideia ou um sentimento.(ALMEIDA, 1906, p.86)

Tal afirmação reaparece em outras passagens de outros livros de Júlia. O que, num Livro de Viagens, deveria ser tomado como narração objetiva e científica dos fatos, é tratado como se fossem impressões não comprováveis, algo que remete, desse modo, a uma visão particular daquele que observa, pensa, sente. A escrita se apresenta como um rascunho propositalmente

impreciso, um texto distante das estatísticas e das exatidões dos especialistas, tal como se pode observar nos comentários da cronista, anos mais tarde, em *Jornadas no meu país*(1920), narrativa estruturada sob a forma de diário e conceituada pela autora como impressões de viagem ou diário de impressões:

Banalidade...que importa! Este não é um livro de literatura; é, a bem dizer, um diário de impressões. A sinceridade é a sua virtude; o estilo a sua menor preocupação.(ALMEIDA, 1920, p.158-160)

No livro de viagens, identifica no escritor a particular maneira de perceber o mundo e escrever suas impressões, como sugere a epígrafe de seu primeiro capítulo :

Como escrever impressões de viagem de um modo impessoal, se tudo que o escritor observa tem de ser julgado pelo seu modo exclusivo de ver e de sentir? (ALMEIDA, 1920)

Mais que saber, o que importa para a escritora é sentir e revelar as suas impressões:

Que fui? que serei? não sei, nem isso me importa, basta-me a impressão do que ouço, do que sinto e de que ou um átomo neste concerto universal... (ALMEIDA, 1920, p.85-86)

Tais preocupações são, desse modo, curiosamente traduzidas num texto posterior, da escritora contemporânea Clarice Lispector. São semelhantes as inquietações: pode a palavra dar conta do que pensa e sente a mulher? Em suas crônicas reafirma o sentimento –ensaiando, como se pode ver, uma resposta para a tese de Júlia sobre a escrita das mulheres. - “Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada. Entretanto, a questão da escrita da mulher, atualizada por Clarice, como solução para a complexidade do vago, do inefável, também aparece em seu discurso como dificuldade, problema, mistério e inquietação:

...o que atrapalha ao escrever é ter de usar palavras. É incômodo. É como se eu quisesse uma comunicação mais direta, uma compreensão muda como acontece às vezes entre pessoas. Se eu pudesse escrever por intermédio de desenhar na madeira ou de alisar uma cabeça de menino ou de passear pelo campo, jamais teria entrado pelo caminho da palavra Faria o que tanta gente que não escreve faz, e exatamente com a mesma alegria e o mesmo tormento de quem escreve, e com as mesmas profundas decepções inconsoláveis: viveria, não usaria palavras.(LISPECTOR, 1992, p.304)

Júlia Lopes recorre ao gênero da crônica que requer informalidade, ou como tão bem situou Sylvia Paixão: “A crônica tem esse poder, o de aprisionar o brilho fugaz de uma felicidade mezinha” (PAIXÃO, 1962, p.112). Sintetiza-se, segundo a ensaísta, numa conversa descompromissada, na forma despretensiosa de se atingir o leitor:

Todos os significados da palavra crônica levam à origem do próprio termo, “chronos”, que em grego significa tempo. Desde sempre, tem sido um registro dos eventos passados, tornando-se uma das fontes mais preciosas no sentido de conhecer e compreender determinado período histórico, uma espécie de documento que atesta a veracidade dos acontecimentos. Este sentido ligado à História foi se perdendo, assumindo a crônica a pecha de gênero menor, um simples relato ou comentário de fatos cotidianos que se perdem na sua efemeridade. Por sua relação com a imprensa, a crônica virou uma seção do jornal ou da revista, tornando-se um reflexo da vida moderna onde imperam a fugacidade, a rapidez, o descartável. (...) A crônica constitui o espaço ideal para o contador de casos... (PAIXÃO, 1962, p.115)

Para Sylvia, a memória e a história contribuem, na crônica, para o resgate e transformação dos eventos banais do cotidiano em momentos especiais. É a palavra, a linguagem, que revela o brilho desses momentos. Ao propor, portanto, uma leitura das crônicas de Clarice Lispector, conclui que sua escrita assemelha-se a um diário íntimo, apoiado, inclusive, na sua tendência a questionar a própria escritura ou meditar sobre si mesma.

A mulher escreve. Conversa? Fala. Cala? Revela-se, através das crônicas, uma inegável contadora de casos banais e fugazes, garantindo-lhes um certo brilho ou sabor de perenidade. E o

que conta Júlia Lopes de Almeida, a suas queridas amigas de meninice, às donas e donzellas, em seu Livro? Deixa que “lembranças suaves” esvoacem-lhe pelo espírito, trazendo à memória as “singulares sensibilidades” que se constituem da lembrança e da saudade das queridas amigas, e dos amigos outros, perpetuados nas páginas do primeiro livro, relidas, ao sabor do sonho, ou nos versos, na música que amou, tudo, enfim, que ressurgue, passados os anos, como o mais puro devaneio:

“...singulares sensibilidades, acordadas por estranhos que amei como amo o sol que me aquece, ou a flôr que me inebria, - tudo renasce e passa pelo meu pensamento, numa irradiação purissima, de devaneio...”(ALMEIDA, 1906, p.10)

Eis o Livro anunciado na Dedicatória, nascida por sua vez como afirmação de um desabafo, de uma confidência:

“Nestas horas vertiginosas e perturbadoras reconheço todos os meus sonhos e desejos antigos, roçando por mim as suas azas, com tanto arrojo abertas e tão cedo enfraquecidas...  
Mas isso que vos importa?  
Valerá a pena pensar no tempo que passou, bem ou mal?” (ALMEIDA, 1906, p. 10)

Seu discurso vem marcado, deliberadamente, pela subjetividade, pelo desejo da verdade e da sinceridade: “A sinceridade d’este livro exige este desabafo doloroso.” (ALMEIDA, 1906, p.40) Também, nele, se destacam as opiniões, como na crônica intitulada “Os Beijos” : “Em resumo, a minha opinião neste assumpto melindroso e terrível é esta: não compreendo a vida sem o beijo, como não compreendo o beijo sem o affecto.” (ALMEIDA, 1906, p.121)

A sua preocupação com o interesse de suas leitoras fica comprovada nas passagens em que a autora conversa com suas interlocutoras nas crônicas redigidas sob a forma de cartas fictícias: “Escrevo-te à noite...”(“Carta”); as interrogações e exclamações: “os homens são



terríveis!”(Folhas de uma Carteira); “Ah! Minhas senhoras, é que não há nada como a tolerancia para dar repouso à inquietação das almas! (“Amuletos” ).

Assim é e assim se faz o *Livro das Donas e Donzellas*: um livro simples e sincero, uma longa série de anunciadas confissões, desabafos e singelas impressões.

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

<sup>1</sup> ALMEIDA, Julia Lopes de. “Entre Amigas”, 15/10/1897. In: *A MENSAGEIRA. Revista literária dedicada à mulher brasileira. São Paulo: DAESP e IMESP, 1987 (edição Fac-Similar),p.4*

<sup>2</sup> Ibidem

<sup>3</sup> Ibidem

<sup>4</sup> Ibidem

## BIBLIOGRAFIA

*ALMANAQUE BRASILEIRO GARNIER. 1903-1914.* Rio de Janeiro: Editora Livraria arnier, v.1-11

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Livro das Donas e Donzellas.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906  
\_\_\_\_\_. *Jornadas no meu País.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1920

*A MENSAGEIRA. Revista literaria dedicada á mulher brasileira (1897-1900).* Edição facsimilar, v.1 e 2. Co-edição da Secretaria de Estado de Cultura e Imprensa Oficial do Estado. Convênio IMESP/DAESP, São Paulo, 1987

LISPECTOR, Clarice. *A Descoberta do Mundo.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992

PAIXÃO, Sylvia. “Um Sopro de vida na hora da estrela – uma leitura das crônicas de Clarice Lispector” . *Revista Tempo Brasileiro*: Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 111-119, jan/mar.,1962